

## ADVERTENCIAS.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

Previnem-se os Srs. Assignantes da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, que d'este jornal fica sendo correspondente unico na Cidade do Porto o Sr. *José Joaquim Rodrigues dos Sanctos*, morador na travessa da Fabrica do Tabaco; bem como o fica sendo tambem da GAZETA DOS TRIBUNAES.

## CONHECIMENTOS UTEIS.

## JARDIM PORTUENSE.

2303 «JA enfim appareceram as flores em nossa terra» — exclamava o esposo dos cantares alvoroçado. — Já enfim appareceram flores em nossa terra, dizemos nós tambem.

Um jornal de flores entre tantos jornaes de espinhos, — um jornal innocente e ameno em estação tormentosa de paixões más, desencadeadas pela politica, é um acontecimento para ser notado com pedra branca. Damos cordealmente as boas vindas á formosa publicação, cujo primeiro numero acaba de apparecer, sob o titulo modesto de *Jardim Portuense*. O acieio e graça da execução typographica e artistica condizem com o donoso retrato colorido da rosa de cem folhas, que estrêa, como rainha, esta galeria vegetal.

O bom conceito, em que as dezeseis paginas d'este primeiro numero nos fazem ter o director d'esta obra o Sr. L. A. P. da S., pessoa aliás já conhecida e respeitada por outros titulos, nos induz a lhe expormos, sem receio, toda a nossa opinião ácerca do seu livro, que, se fór ávante (como esperamos), não só virá a ser thesoiro de jardineiros, mas um procurado ornamento de salas, toucadores e bibliothecas. — Não dizemos bem; — os elogios, que a sua obra merece, esses não lh'os daremos aqui; seria repetir, sem necessidade, o que anda na bocca de toda a gente. Presentar-lhe-hemos antes os conselhos de experimentados, que nos parecem dever contribuir para o bom e completo succedimento da sua tão instructiva e proveitosa idéa.

N'um paiz, como este, pobre, descuroso e entristecido, é o jardinar occupação accidental de muito pouca gente, paixão e emprego para quasi ninguém. Debalde o titulo de jardim attrairá a imaginação, e desafiará o gosto de muitos: debalde se confessará que por entre o recreio anda alli disfarçada a instrucção; que a botanica está ahí sorrindo para nos levar insensivelmente por entre os alegretes até aos campos da grande cultura; o primeiro élo da immensa cadeia de beneficios, lançada pela Providencia sobre a face da terra, no primeiro dia do mundo, e da qual são parte os vegetaes, que sustentam a vida, os

NOVEMBRO — 16 — 1843.

que restauram a saude, os que alimentam as artes, os que servem por mil modos a todas as commodidades e delicias, o primeiro élo, repetimos, d'esta maravilhosa cadeia, está no cestinho perfumado da jardineira, por onde, com assisado instincto, foram em todos os tempos as flores consagradas aos deuses, auctores de tudo, e ainda hoje são o mais appropriado ornamento de nossos altares nos dias triumphaes de suas festas. Não obstante porém, receamos e temos por quasi certo, que o pensamento profundo, que dictou esta obra, não será devidamente avaliado por um grande numero: — poucos olhos por baixo das flores enxergarão os fructos, e uma indifferença desmerecida, mas talvez inculpada, a fará morrer á nascença como flor delicada, que ninguem maltractou na sua háslea, mas que a seccura da terra e do céu fez mirrar antes que do casulo se lhe desdobrassem as pétalas, e se revelasse a todos o segredo das suas côres e fragrancia.

Os periodicos de uma só especialidade, e ainda de poucas, não prosperam em França quanto mais entre nós. (\*) E' logo forçado que o jardim, que se abre para o Publico e aspira a popular, não se limite em ser eschóla; que se não veja ahí só o iniciado nos mysterios de Flóra, procurando explical-os ás turbas, cuja maior parte passará sem n'ó ouvir; e contentando-se de olhar para o labyrintho multicôr das filhas da primavéra. E' indispensavel que n'este jardim se goze de tudo, que deleita e vem propriissimo a taes logares. O artista quererá encontrar com estatuas ao fundo das alamêdas floridas; o melanchólico desejará uma gruta, onde vá pascer suas phantasias; o namorado deliciar-se-hia de ouvir, por entre a folhagem de um caramanchão emboscado e escuro, uma historia de amores, o som de um alaúde, que suspira em queixas de outrem o éccho vago de suas máguas mais secretas.

O romance, a poesia, debaixo das suas mil fórmas, seriam pois, quanto a nós, o complemento indispensavel d'esta obra. Se por algum modo o nosso conselho póde parecer uma censura, dictada, como é, pela benevolencia, não deixará ella de ser benevolmente recebida.

## PAIZ VINHATEIRO DO ALTO DOIRO.

2304 VI com muita satisfação e grande interesse o MAPPA DO PAIZ VINHATEIRO DO ALTO DOIRO, levantado pelo Sr. *José James Forrester*, e dedicado a Sua Magestade a Rainha.

Ainda conservo saudosas e vivas recordações d'aquelle meu paiz natalicio, e por isso facilmente reconheci de um relance as altas serranias, e profundos valles de tão importante, e, n'outro tempo, riquissimo territorio. O dicto mappa é exactissimo pelo que respeita ás villas e freguezias, ás quintas e principaes fazendas vinhateiras, aos rios e regatos, estradas, pontes e até caminhos travéssos e creio que tambem o será, quanto é possivel, ácerca da posição geographica das povoações e montanhas; pois vejo que é uma obra feita com muito esméro, indicando com signaes distinctos as vinhas, olivæes, soutos, mattos de carvalheiras, ou carrasqueiras, mattos rasos, pinhaes,

(\*) A prova d'isso lá está no prólogo do nosso segundo volume.

etc. Ignoro o methodo, de que se serviu o seu distincto auctor n'estes trabalhos utilissimos; mas é natural que seria algum dos indicados por J. J. Verkarven na sua arte de levantar os planos, publicada em Paris no anno de 1811 (segunda edição); pois vejo executadas muitas coisas das que este ultimo auctor recommenda, e por isso e pelo credito e reputação bem merecida, que tem o Sr. Forrester, estou persuadido de que os sitios das povoações e quintas serão os verdadeiros, e bem assim as distancias de uns a outros as representadas no mappa.

Ha n'esta excellente obra topographica uma coisa nova para mim, e que acho muito engenhosa: é o indicador semi-circular que tem no alto da folha; porquê, tomado o numero da povoação que se procura na lista d'ellas, entrando com elle no indicador e prolongando-lhe a linha recta, por meio de uma regua de madeira, ou coisa semelhante, logo se dá com ella.

O Sr. Forrester adverte n'umas abreviadas observações que fez no mesmo mappa — que o rio Doiro nos mezes de julho, agosto, e setembro é quasi inavegavel em razão das poucas aguas que tem, e que em dezembro, janeiro e fevereiro, a sua navegação é muito perigosa por causa das cheias: estas judiciosas observações dão logar ás minhas.

Se eu me não engano ainda existem outras causas, que tornam perigosa e difficil a navegação do Doiro em todos os mezes do anno, e são as seguintes: — 1.º Os muitos baixos causados pelo secular depósito de pedras e aréas que os regatos e rios influentes, despenhados das montanhas, fazem nos seus desembocadinhos.

A ribeira do Varosa (rio Barosa lhe chama o auctor do mappa) que serpeja tão humilde durante o estio, vi-a eu no anno de 1807 ensoberbecer-se repentinamente com as aguas de uma trovoadá que houve para as serras de Balsemão e da Senhora dos Remedios, d'onde traz a sua origem, e cortar furiosa a corrente do Doiro de uma a outra margem, deixando alli em signal do seu triumpho um banco de cascalho, que permanece ainda hoje. O rio Pinhão rebella-se tambem algumas vezes; mas fica sempre vencido; porque a corrente do seu soberano, apertada entre os montes das Bateiras e os que jazem da parte septentrional, leva tanta velocidade que vence tudo; porém as aréas e pedras arrastadas lá vão formar outro banco á foz do rio Torto; postoque por ora menos perigoso. A segunda causa da difficil navegação é a rapida corrente das galeiras; pois que por ellas nenhum barco póde subir sem ser alado por duas junctas de bois, e ás vezes ainda mais trinta homens. Estas galeiras são causadas pelo despenho das aguas do rio de um poço superior: todo elle desde a foz do Alva até entre — Ambos os Rios — se póde considerar como se fosse formado de continuos escalões; na parte plana, que tem ás vezes um quarto de legua, a corrente é branda e existe um poço mais ou menos profundo, o qual acaba por uma galeira que desce para outro poço, e assim vae seguindo. Os chamados — Embates — pódem ser considerados como terceira causa de difficil navegação; pois n'elles se oppõe á subida dos barcos a veia da agua, e os ventos reflectidos dos angulos salientes e reintrantes das montanhas. N'estes embates é necessario amainar as velas e alar por ter-

ra; ; mas não existem caminhos de sirga! . . . . O Doiro é o unico rio de Portugal navegavel em toda a sua extensão, dentro do mesmo Portugal, pelo menos seis mezes do anno e não tem estradas nas suas margens (á excepção de alguns pedaços) nem caminhos de sirga! . . . . Pelo alvará de 13 de dezembro de 1783 mandou-se fazer uma estrada desde o Porto até Foz-Tua pela margem septentrional do rio, e creou-se um novo imposto de 400 rs. em pipa de vinho de feitoria e 200 rs. no de ramo para esta obra; os proprietarios e negociantes pagaram á risca pelo espaço de quasi meio seculo; ; mas a estrada não existe! . . . . Pagou-se tambem pelo mesmo tempo outro tributo para quebrar as pedras do rio; porém os cachopos e os baixos lá estão quebrando os barcos todos annos.

Fez-se agora uma lei de estradas, o Doiro desfinhado e malfadado ha-de pagar outra contribuição talvez no seu total maior do que a primeira; ; mas nem ao menos se lhe prometteu que haviam de ter os barqueiros um caminho de sirga em que podessem firmar os pés! . . . . Nada d'isso! . . . . Não-de continuar a largar a pelle e o sangue nas rochas asperas das margens, e quando chegarem á foz do ribeiro de Arnazelo, alli lhe apparecerá o genio máu daquella terra, e tão carrancudo como Adamastor, a dizer-lhe: — «Aqui não consinto que me pizem pés humanos, não haveis de alar que por nenhuma fórma o podereis fazer, ficae ahí vinte ou trinta dias até que um vento favoravel vos conduza, ou vos metta no fundo se fôr contrario. Vedes alli n'aquellas rochas os ferreos vestigios do cáes de madeira que fizeram os inglezes para levar os barcos por estas aguas á força de braços, imitae-os se quereis, e se não pagae e torna a pagar para as estradas do Marão, de Villa Real, de Chaves, de Bragança; por onde (dizem) andarão ligeiras carruagens; mas aqui govérno eu e não consinto que se corte um só penedo, nem que se faça um estreito caminho de sirga. . . . »

Eis-aqui pois as causas que obstem á navegação: e todas ellas são faceis de remediar. Aonde existem baixos de cascalho, se as aguas do rio fôrem espalhadas, fazem-se os chamados — pontos — que são uns espigões de pedra para as fazer ajunctar, como esse que durante a guerra peninsular, mandaram fazer os inglezes entre Pinhão e Arrueda; porque durante as cheias logo a força da corrente escava o leito.

Algumas galeiras pódem ser suavizadas cortando as rochas da parte mais elevada, e quando isso não possa ser, fazem-se dos lados bons caminhos de sirga; estes mesmos são o unico remedio para os — embates, — as pedras do rio, aonde agora se quebram tantos barcos, destroem-se por meio da polvora, e os seus estilhaços tiram-se do fundo com tenazes proprias e deitam-se aonde não façam damno. Tudo isto sabem fazer os portuguezes, e já o fizeram em muitas partes. Essas mesmas obras feitas durante a guerra peninsular por ordem dos commissarios inglezes, para fornecerem pelo Doiro o seu exercito, foram executadas pelos portuguezes; não é preciso por tanto que venham engenheiros de fóra levar-nos contos e contos de réis e zombar de nós. Faremos tudo isso de que precisamos e muito bem feito, quando estas precisões do paiz fôrem conhecidas do nosso governo, e elle julgar conveniente que se remedeem.

Perdôese-me esta minha digressão: mas a vista

de um mappa tão bem feito fez-me recordar vivamente da minha terra.

Lisboa 12 de novembro de 1843.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

#### NOVA EXPORTAÇÃO DE PORTUGAL.

2305 A LARANJA era o unico fructo, que ainda ha poucos annos se vendia para Inglaterra. Modernissimamente a celeridade das communicações entre os dois reinos fez lembrar aos gastrónomos de Londres, quanto era facil regalarem-se com muitos outros mimos vegetaes das nossas boas terras: e a uva de embarque principia a ser um ramo assás importante de negocio. Parecia porém que a maçã era de todos os fructos bemquistos d'este clima, o que menos esperanças devia ter de ir brilhar nos festins dos lords. A maçã-eira é arvore cosmopolita; não se estranha dos frios e ainda talvez folga mais nas cruas terras do norte, e produz lá melhor e mais abundante.

É isto o que geralmente se ouviu sempre, dando-se-nos por prova o muito e bom vinho da maçã e o excellent mel branco da sua flor, que recebiamos da França. É logo uma inesperada boa nova a que temos para dar.

Todo o districto, e concelhos do Sobral, Enxara dos Cavalleiros, Aldea Gallega da Marceana, Alemquer etc., são cheios de grandes pomares de caroço, sendo em geral o pêro e maçã, e com especialidade a optima maçã bemposta, a melhor coisa d'este genero, que se produz no reino: a sua sobra além do consumo dos proprios concelhos vem para o mercado da praça da figueira em Lisboa; a distancia de cinco a oito leguas da capital, o pessimo das estradas, e os difficeis meios de condução, que custam de 960 a 1200 rs. por carga de cavalgadura maior, que leva 4 cestos vendimos de fructa, os excessivos direitos na alfandega das septe cazas ou nos registos subordinados, a grande abundancia que ha d'estes pomares, e a escassez do numerario em Lisboa, tem levado este genero de cultura a grande decadencia, sendo o mais que ordinariamente consegue o lavrador proprietario pelo genero vendido em sua caza 1200 rs. por cada carga: isto é 150 rs. por cada cento de pêro ou de maçã escolhida.

Ora pelo comêço de outubro d'este anno appareceram caixeiros das cazas estrangeiras, estabelecidas em Lisboa, que nos outros annos se limitavam á exportação da laranja, limão, e uva ferral e muscatel, a comprar n'aquelle districto pêro, e maçã, e dando preços muito mais subidos. — As quintas, aonde nos consta haverem feirado, são as do Exm.<sup>o</sup> Visconde do Sobral no concelho do Sobral de Monte Agraço, e as de Casal Coxim de um lavrador no concelho da Enxara; escolhem os fructes perfeitos; embrulham-n'os em papel a um e um, e levam-n'os em caixas como as laranjas, ás costas de bestas para o esteiro de Sancto Antonio do Tojal, e d'ahi por agua para Lisboa.

Valeria a pena de investigar se esta novidade será devida a alguma causa extraordinaria de pequice ou vicio que este anno desse em Inglaterra n'este genero da pomares, ou se realmente os da nossa terra lhes contentam mais os paladares: porque no primeiro caso seria loucura augmentar plantações que se tornariam inuteis, e como inuteis pesadas ao lavrador: no segundo, seria desleixo insensato o não fazel-as,

Rogamos a quem sobre isto poder informar com exacção, que se digne de nos escrever.

#### REMEDIO PARA MORDIDOS DE ANIMAES DAMNADOS.

2306 No artigo 966, apresentámos a preciosa noticia, que nos dava o Sr. Antonio Coelho de Magalhães e Queiroz, de Villa Meã, de haver salvado da hydrophobia a varias pessoas, tractando-as pelo methodo usado na Russia, do qual n'esse mesmo artigo apresentámos a devida explicação.

Desde então até hoje, que já é devolvido um anno, não recebemos de parte alguma informação pratica e experimental em abôno ou desabôno da receita, que de novo recommendamos aos facultativos e a toda a gente; se foi por não ter apparecido um só infeliz em quem se experimentasse — folgamos com o silencio: se foi desleixo, — deploramos os que em taes materias o podem ter; porque o mal da hydrophobia é terribilissimo e não raro.

Por esta razão, trasladamos tambem agora o que se lê na *Coallisão* de 5 de septembro, posto o não ousemos a recommendal-o como de sólida importancia.

Diz assim: —

«Um estimavel amigo nosso teve a bondade de nos mandar a seguinte receita, e assegura-nos que, sendo promptamente applicada ás pessoas, ou animaes que forem mordidos por qualquer animal damnado, produz os melhores resultados.»

«Raiz de cossuancira, que se vende nas boticas, 80 réis. Repartida em nove porções.»

«Raiz de silvão macho, que é uma roseira brava, que se acha nos valles. A porção da raiz deve ser tanta como de um dedo, sendo para meninos, sendo para homens mais, e para animaes dobrada.»

«Duas mãos cheias de margassa.»

«Uma dicta de arruda.»

«Dicta de sal — dicta de salva.»

«Duas cabeças de alhos. As cabeças dos alhos devem ser grandes, sendo para meninos uma, e para homens duas.»

«Um quarteirão de vinho.»

«Depois de todas estas hervas bem pisadas n'um almofariz até ficarem bem delidas, deita-se-lhe o sobredicto quarteirão de vinho, que é melhor branco; para animaes pôde ser em lugar do vinho, leite.»

«Depois d'isto feito, espremem-se todas estas hervas n'um panno até largarem todo o succo.»

«Este remedio deve ser tomado todas as manhãs em jejum, nove dias sem interrupção.»

«Sendo para animaes todas as porções devem ser dobradas.»

#### AVISO SAUDAVEL.

2307 CONSTA-NOS por um grande numero de pessoas de credito, fazer-se ha tempos n'esta cidade um tráfico avultado de certo genero, que, não sendo á primeira vista senão de mero luxo, produz todavia mui desagradaveis resultados, contra os quaes é direito o dever premunirmos os incautos.

Varias lojas de barbeiros e cabelleireiros, de capella e de perfumadores, e um cardume de belfurinhos ambulantes, homens, rapazes e mulheres, vendem umas caixinhas de cartão redondas com pomada ou banha de diversos cheiros; commummente alfaze-

ma, cravo e canella. — O modico dos preços d'estas caixinhas, que não passa de vintem, o gracioso da sua fórma e côres, a sua fragrança, e sobre tudo a frequente importunação dos vendedores, teem tentado a muitas pessoas: mas pouco tarda que não venha o triste desengano. Os cabellos ungidos com aquella droga, recendem alguns poucos dias, e morrem. Mais de uma casquilha ao pentear-se tem visto com terror despegar-se e desamparal-a uma parte d'este natural e formosissimo enfeite feminil.

Obra de tua mão, teu damno ha sido;  
Tu mesma, o teu cabello envenenaste.

Dizia Ovidio repreendendo uma casquilha calva do seu tempo. Oxalá que ás do nosso possam tambem applicar-se as consolações e esperanças, que elle por ultimo lhe dava:

Não succumbas; teu mal terá remedio,  
Renascera formoso o que has perdido.

## VARIÉDADES.

### COMMEMORAÇÕES.

#### ASSEMBLÉA DE MORAL.

21 DE NOVEMBRO DE 1147.

2308 O ANNO passado fallámos da antiquissima ermida que os estrangeiros auxiliares da tomada de Lisboa alevantaram no seu cemiterio, e onde o célebre Guilherme de longa-espada (dizem as chronicas), recolheu a milagrosa imagem de N. S. dos Martyres, trazida de longes terras; a qual deu nome á ermida, e assim mesmo á igreja parochial, que para successora d'ella, fundou a piedade e reconhecimento do Sr. rei D. Affonso Henriques, n'este dia, ha hoje perto de oito seculos.

Não tem Lisboa igreja que a esta sobreleve em recordações assim religiosas como historicas.

Foi cimentada por sangue de martyres; fundada pelo primeiro rei portuguez, que lhe assentou com as proprias mãos a pedra fundamental; a primacial freguezia d'esta Lisboa, e aonde, depois da gloriosa conquista, se administrou o primeiro baptismo.

Querem alguns que por esta ultima clausula, fosse a igreja dos Martyres, desde logo e por muitos annos, a cathedral; todavia é ponto duvidoso e já controvertido. Mas que foi a freguezia de quasi toda Lisboa e circumvisinhanças, bem no mostra o seguinte documento, que existia no cartorio da Sé, d'onde o trasladou Fr. Apolinario da Conceição.

« Em 2 de agosto de 1476 por comissão do Arcebispo de Lisboa D. Jorge da Costa, fizerão Gomes de Payva, e Luiz Annes, como Vigarios e Juizes, a limitação da Parochia de N. S. dos Martyres da Cidade de Lisboa, e lhe assinarão o territorio seguinte. O qual se comessa no Postigo do Carmo (agora largo de S. Roque) nos muros de Cidade, e di tomando a estrada que vai de longo ter á incruzilhada (hoje largo do Passeio-Publico), na carreira que vem de S. Antão, e da ly por caminho que vay ter á fonte quente; e di decendo por a ribeira dalcantara da parte da quem contra Lisboa por agoa até ponte dalcantara, e dy até o mais, ficando as Azenhas de Lopa fanco deste lemite, e daly indo sempre per o mais, partindo até Cata-que-faras (hoje largo do Corpo Santo):

e fazendo a volta acima por o pe do muro até porta de S. Catharina (hoje largo das duas egrejas), e dy ao dito postigo do Carmo onde se comessou. »

Por este auto se vê que tresentos e vinte e nove annos depois da fundação, foi esta freguezia cerceada, ficando ainda com tão amplo districto.

Pareceu-nos curiosa esta antiguidade, por isso a apontamos aqui. De tantas memorias, cujo é thesoiro esta igreja, só uma resuscitaremos hoje.

Nos fins do seculo XVII, era prior dos Martyres um Francisco Machado, varão de muitas virtudes e saber. Não satisfeito com doutrinar no pulpito e no confessorario aos seus freguezes, estabeleceu uma *Assembléa de Moral*, na sua igreja, onde todas as tardes da semana se ventilava e resolvia alguma questão moral.

Foi esta instituição de tanta utilidade, e adquiriu tanto nome, que sabendo-se nos tribunaes onde então se proviam as egrejas por opposição (hoje não é preciso isto. . . .) que o oppositor era alumno da *Aula dos Martyres*, logo se lhe ficava dando grande attenção para o bom despacho.

¿ Quantos Franciscos Machados haverá ahi hoje por essa cidade? . . . Não dizemos já para darem eschola de disputação moral (para isso cá andam certos jornaes e livros. . . .), mas ao menos para ensinarem, segundo é obrigação de seu officio, a doutrina christã e explicarem o Evangelho, nos domingos á estação da missa? ¿ Quantos? Quasi nenhum!

Oh! quem reformasse o sal da terra, que assim anda viciado e derretido! A. da Silva Tullio.

#### UMA NOITE DOS FIEIS DEFUNCTOS.

Exibit spiritus ejus et revertetur in terram in illa die peribunt omnes cogitationes eorum.  
PSALM. 145.

2309 ADORMECEI um pouco, ó fragoas negras  
Do meu duro penar; — deixae-me, ó fados,  
Ao menos uma vez, gozar tranquillo,  
Somno fagueiro d'illusões, d'enlêvos;  
Embora seja breve, embora o córte  
Despertar doloroso. Idéas negras,  
Pensamentos sombrios, importunos,  
Que a mente me toldaes co'as azas tórvas,  
; Oh! dissipae-vos: lédos se desfiram.  
Accordes sons da minha lyra; os écchos  
Emvez de suspirar co'os meus suspiros  
Nas arrobadas brizas me devolvam  
Brandos hymnos d'amor, — d'amor dictoso.

Vem, minha Lilia,  
Aqui sentar-te,  
Sobre o meu peito  
Vem reclinar-te.

Ah! como és bella!  
Como és donnosa!  
Que lindas faces  
De neve e rosa!

Os negros olhos  
Suaves, ternos  
Forjam, volvendo-se,  
Grilhões eternos.

Qual vivo nácar  
Os labios teus . . . . .  
— Oh! deixa, Lilia,  
Junctar-lhe os meus.

; És minha?... dize-o  
 Protesta, jura....  
 Invejem todos  
 Minha ventura.  
 Um beijo.... um beijo....  
 Assim. — ; Suspiras?  
 — ; Acaso temes?....  
 Lilia! deliras?  
 ; Temes se quebrem  
 Os nossos laços?...  
 ; Ah! nunca — aperta-me  
 Entre os teus braços!  
 Vivirei sempre,  
 Lilia, contigo,  
 Irei seguir-te  
 Té no jazigo.  
 ; Ouviste?... que sinistro.... ; oh! Deus! não ouves?....  
 Que lúgubre gemido se debruça  
 Do viso lá do esguio campanario,  
 Da torre, que negreja ao longe?... — ; ouviste?... —  
 ; É dobrar a finados!  
 ; Que vento que assovia,  
 Que as finas tranças d'ebano t'invoive  
 Per sobre o casto seio alabastrino!...  
 ; ; Porque virá da morte o bafo livido  
 Gelar-nos de pavor?! ; ; que vozes roucas  
 Murmura aquelle bronze a taes deshoras?!...  
 De novembro este dia segundo  
 Foi ás almas fieis consagrado,  
 Pela igreja de Deus destinado  
 Foi a missas, a pranto, a perdões.  
 É para resar,  
 Que não para amar.  
 Quando a noite vae quasi por meio  
 Pelas físgas das campas saíndo,  
 Vem medonhos phantasmas surgindo  
 Aos parentes rogando orações.  
 É para resar,  
 Que não para amar.  
 E vem mudos, com passos tardios,  
 Invisiveis sentar-se á lareira,  
 Onde estála n'accessa fogueira  
 Secco roble que o vento prostrou.  
 É para resar,  
 Que não para amar.  
 E mal rompe o clarão da alvorada,  
 Vão correndo com longos suspiros,  
 Do sepulchro a dormir nos retiros,  
 Duro somno, que nunca findou.  
 É para resar,  
 Que não para amar.  
 ; Porque assim triste, oh! chara, e mergulhada  
 Em lóbrega mudéz me não respondes?  
 ; Porque volves ao céu, porque ora os baixas  
 Em dôr e languidéz teus olhos bellos?...  
 ; Que vejo!... ; tu chorando!... ; oh! Lilia, ah! falla-me:  
 ; Que tens?... ; dize, que tens?... quero enxugar-te  
 Com beijos o teu pranto. — ; não te movem  
 Nem já caricias minhas?... tu desvairas!  
 Não me estreites assim convulsa ao peito.....  
 ; ; Que val a morte, a campa, o som do bronze,  
 Se uma vida, uma só, entre ambos uma  
 Havemos de viver como se doham  
 Compostos n'um só fio o oiro e a seda.

Volva o praser a teu gesto,  
 Volva-lhe o meigo sorriso;  
 Gozamos tudo, gozando-nos...  
 ; Onde ha hi mór Paraizo!

E retumbava assim nos écchos longes  
 Meu garrido tangèr, meu canto alegre  
 Co'os ais descompassados  
 Que da noite nas auras sussurravam:  
 Mas de trévas alfim n'um fundo abismo  
 Foi tudo resvalar! — o sonho ameno  
 Sumiu-se-me entre a dôr, — qual se esvaéce  
 Em nuvem de borrasca o vão lampêjo  
 De pallido relampago!  
 Destingidas, mirradas desfolharam-se  
 As rosas da ventura; e de cipreste  
 Cingiu-me a rouca lyra  
 Uma grinalda funebre!

Antonio Pereira da Cunha.

#### APPARECIMENTO DE CARLOS MAGNO.

2310 Muíto não é, que os vivos costumem ser outros do que parecem, se até com os mortos não deixa isto de acontecer.

Na igreja maior de Aquisgram ou Aix-la-Chapelle, guardava-se em um caixão de prata um esqueleto, que, segundo a tradição antiga e geral, era de um sancto da mesma terra. Teve o deão, pouco ha, a curiosidade de abrir aquelle piedoso deposito, e examinar por seus olhos o seu contheudo: abriu-o de feito em presença de outros conegos, do *maitre*, e varias pessoas mais. Viram dentro, desarmados e soltos, os ossos de um homem, que bem mostravam haver elle sido de alentada estatura. Ao de cima poizava um pergamiuho cerrado e sellado, com a assignatura de Frederico I de Suabia (que viveu no seculo XIII). Do texto d'esta carta se colhia que elle, Frederico, mandára tirar do sepulchro de Carlos Magno as suas reliquias, e mettel-as no presente cofre de prata: transferindo para o seu thesoiro as armas e insignias imperiaes.

Um medico armou para logo o esqueleto: ao qual se acharam seis pés e meio de comprido. Excelente contraprova da identidade pois que de seis pés e meio é a medida, que dão ao afamado imperador todas as chronicas. A propria medida chamada *pé de rei*, ninguem ignora, que teve por typo primitivo o comprimento do pé d'aquelle gigante coroadado.

#### UMA EXCURSÃO Á SERRA DE ESTRELLA.

2311 SEM embargo das difficuldades, que se me encareciam contra o meu projecto, determinei subir a Serra de Estrella, e visital-a se podesse até ao cume. Serra de Estrella é a mais alta de Portugal: procede dos Pirinéus, atravessa a Hispanha com o nome de Guadarrama, e, seguindo entre os rios Doiro e Tejo, toma cá o nome que lhe damos; e vae finalizar já com outro, na serra de Cintra, formando o Cabo da Rocca.

O mais elevadado ponto da Serra de Estrella é de oito mil pés acima do nivel do mar. A maior eminencia de toda a Peninsula hispânica é *Sierra Nevada*, na Andaluzia, cujo ultimo viso é o cume *Mulhacen*, que vinga acima do nivel do mar 12:762 pés, e onde nun-

ca a neve se derrete; mas egual phenómeno acontece tambem á nossa Estrella.

No dia 11 de outubro a meia hora depois do meio dia, montei a cavallo, e saí da villa do Fundão, tomando o caminho da serra. Estava o dia claro e o sol quente.

Dirigi-me pela Cova da Beira abaixo e pela uma e meia da tarde cheguei ao povo de *Alcaria*. Seguí para a frente; pelas duas horas da tarde atravessei a vau do rio *Zézere*. As duas e meia da tarde estava no povo de *Dominguiso*. D'alli principiou o terreno de montanha, e inculto; a estrada, porém boa. Perguntei pelo povo de *Unhas da Serra*, para onde me dirigi, seguindo sempre parte das fraldas da montanha. As quatro cheguei ao rio *Liudorinho* e, pelas cinco entrei em *Unhas da Serra*, povo de 125 fogos situado na fralda junto á *Ribeira Alforma*, que desce da montanha, e réga uma risonha várzea para cima e para baixo da povoação, fertil em milhos, muito e excellente feno, *índias* (como alli chamam ás batatas) e alguns soutos de castanheiros. Uma boa ponte dá entrada ao povo. Procurei um lavrador, para quem levava uma carta: com a maior hospitalidade me recolheu a sua caza; e tanto elle como sua mulher me tractaram com todo o agasalho de boa gente. Depois de um refresco á moda da terra, que achei saboroso; e que se resumia em feijões frades temperados com azeite, vinagre e albos, presunto com ovos, e *índias* cortadas miudas fritas com ovos, e para póstre queijo do conhecido pela sua gastronómica nomeada de queijo da serra, concertei com o meu bom lavrador qual o melhor meio e modo para subir ao outro dia ao aito da Estrella. — O luar da antemanhã me foi de grande utilidade, porque ás tres e meia do dia 12 me puz a caminho, com dois guias, (*Souto Negro*, e *João Moço*) a pé para me encaminharem pela Serra mais aspera que nunca subí em dias de vida. Levava comigo um relógio de Sol com agulha de mariar, e mais alguns objectos accommodados ao intento. Investimos com uma lomba, ou perna da Serra, sendo-nos forçado de cada 50 em 50 passos pouco mais ou menos tomar o fôlego. — De *Unhas* ao alto vac legua e meia. A meia legua andada observei o vento; chamavam-lhe de travessia os guias; e receavam que viesse a névoa cubrir a Serra, e nos obrigasse a desandar, porque se estivessemos lá no cimo quando ella chegasse, o escuro e noite, que ella produzia, nos não permittiriam atinar com o caminho para redescender, nem acharíamos caza nem abrigo em parte alguma, para cujo aperto a não vir anjo, que nos accudisse, não sabiam elles remedio senão morrer, ou a bom livrar vir costeando as ribeiras, que nem sempre escolhem para seu descenso os caminhos mais suaves e transitaveis para gente.

Continuámos com tudo a trepar e chegámos a um cêrro chamado dos cavalleiros. D'alli mandei deitar uma pedra de seis a septe arrobas pelo precipicio; a principio foi accordando de tombo em tombo uns écchos grandes e soturnos. Passados minutos, ainda tornei a sentil-a, mas o chapuz, que devia dar engolfando-se na ribeira já o não ouvimos: a altura vertical d'aquelle despenhadeiro, se hei-de acreditar nos meus guias, era de 350 a 400 braças. Continuei a subida por caminho sobre modo aspero e quasi a pique. Por cima das nossas cabeças torreaava horrífica e magestosamente outro sêrro, chamado o *Torroeiro*.

— Aqui me disseram os guias, que não havia dar passo ávante emquanto a alva não rompesse. Deitei-me com elles n'uma moita de giesta, onde nos desjejua-mos com brôa ou pão de milho, com que levavam precatado o seu fardel.

Assomou o dia, e fomos saudados elle e nós com o triste grasnido de algumas aguias e gralhas, que surgindo dos seus ninhos por cima de nossas cabeças, pareciam espantados ao sentir alli vozes humanas. Puz-me d'alli a contemplar a Beira-Baixa, que parecia estar dormindo envolta n'uma boa coberta de algodão: era a névoa. Continuámos a subir pondo ás vezes um pé n'uma rocha e o outro n'outra, ficando por vezes entre as pernas a pequena altura de 30 a 40 braças. Como era quasi perpendicular a vereda, que levavamos, mais de uma vez temi despenhar-me de costas e fui obrigado a valer de pés e mãos, agarrando-me com ellas ás raizes, e trepando a prumo como um marinheiro pelo mastro. Vinguei ao sêrro do *Torroeiro*: perto d'elle encontrei com uma nascente do mesmo nome, de agua superior, e que nunca secca; tão gélida porém que mal pude gostal-a. Já aqui era o frio agudo e despropositado, a ponto de me ser necessario largar mais de uma vez o bordão, que levava, e atormentar as mãos uma contra a outra para as desentorpecer. D'este sêrro ávante começa o caminho menos inhóspito. Alguma relvinha mal creada alegrava um pouco os encolhidos espaços planos d'entre as rochas e quebradas.

Chegámos a outro sêrro, sobre o qual se levantava uma rocha de grande vulto, onde, segundo entre os pastores é fama, está encantado um cavallo de oiro. Logo depois demos com um pastor, todo vestido de pelle, guardando cabras e ovelhas: — elle me disse, admirado de vêr alli gente — «que o tempo estava pouco claro, e que não aventurasse pela serra dentro, pois se o algodão (a névoa) chega cá acima, anoitece e fecha-se ahi tudo com agua, que ninguem é capaz de tornar a descer:» — Observei o vento pelo cariz do céu: as nuvens, que passavam arrebanhadas por baixo de nós, corriam do SSO. Encontrámos ainda outrô pastor, com quem travei pratica por algum espaço. Este era mais civilisado que o primeiro, porque já duas vezes em sna vida — tinha descido á terra — cito as suas proprias expressões. Tractou-me muito bem e ensinou-me o caminho da chamada *Torre*, que era uma piramide artificial para onde logo me encaminhei. Andámos um quarto de legua por caminho plano já no cume da Estrella: o terreno era cascalho e uma arêa grossa, que á vista fazia parecer o chão coalhado de granizo recém-chovido; da qual arêa tomei e conservo algumas amostras. Encontrei alabastro, granito, e quartz de varias qualidades, e uma pedra com particulas de oiro. Todo o sólo era absolutamente nú e estéril. Viam-se cóvas cheias de neve, que se não derretia, sem embargo de ser já nado o sol e ferir n'ella. Avistei enfim a piramide, que elles chamam *Torre*: e quando eram nove horas em ponto achava-me aos pés d'ella, ponto summo e eminencia das eminencias de tão alterosa serrania.

Imaginae a minha sublime posição na natureza, oito mil pés acima do nível do mar.

Descafu o vento para o norte; descobri então para aquella banda da Serra toda a Beira Alta, Vizeu, Almeida, Guarda, e muitas outras povoações; para o

sul o Fundão, toda a cova da Beira-Beixa, Abrantes, — e o Tejo até perto de Lisboa e grande tracto do Alemtejo: para léste a raia de Hispanha, a serra de *Guadarrama*, a serra *Nevada*, na Andaluzia: ao oeste até quasi á Figueira: e mais era isto em manhã nevoenta de outubro, ; que faria no verão! ; Mal cuidava áquella hora uma grande parte de Portugal e de Hispanha, que estavam sendo dominados por um alferes de lanceiros! Nunca me senti tão profundamente penetrado da consciencia da pequenez da creatura e da magnificencia immensa do Creador.

Um dos meus guias, não obstante ser filho de *Unhas*, inquilino da serra, e affeito á sua silvestre condição, e apesar de ter comido e bebido, esmoreceu por duas vezes. Depois de gozar por um largo prazo das sensações novas, das idéas grandiosas e indefiníveis que alli me salteavam de todas as partes, advertido de que era necessario tornar a baixar do céu para as pequenezes do mundo, onde tinha o meu cavallo, a minha cosinha etc., medi a piramide; a que achei 60 palmos em quadrado na base e 38 e meio de altura. Na frontaria que olha para léste, tem esculpida n'uma pedra grande uma inscripção, de que ainda se lê isto: — «Por ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente se mandou elevar esta piramide para . . . . . em o anno de 1802. . . . .:» — Para que fim se levantou este monumento não o pude saber. — Seria, como por lá dizem, uma memoria da Guerra Peninsular? ; Seria marco para algum mappa topographico? Affirmaram-me que fôra obra do Marquez de Alorna.

Desejei ainda, antes que baixasse, ir reconhecer as tres lagóas da serra, objectos em seu genero unicos na Europa, segundo é fama. Foi-me porém indispensavel renunciar esse gosto; não só á conta do cançasso que já todos traziamos, mas com medo ao nevocero. Vi a direcção que haveria de tomar se lá fosse por uns marcos de distancia em distancia, que tem posto os pastores para não se perderem no caminho quando são tomados pela névoa. Jaz a primeira lagóa a legua e meia da piramide, e as outras duas mais affastadas. São notaveis não só pela altura onde se encontram, mas porque segundo geralmente assevera a visinhança, por mais que as sondassem, ainda se lhes não achou fundo. *Lago escuro*, se chama o primeiro, o segundo *redondo*, o terceiro *comprido*. No *escuro*, com ser a sua agua mui pura e doce, não se cria genero algum de peixe ou coisa viva, e por encarecimento da sua profundeza tem por dizer, que leva por baixo da serra sua serventia para o mar, por onde ás vezes tem visto ao de cima a aboiar fragmentos de navios. De uma d'estas lagóas nasce o *Mondego*, d'outra o *Zézere*, e da outra o *Alva*.

Não podendo visitar as lagóas não quiz deixar de vêr ao menos os *cântaros*, que são duas rochas perpendiculares, uma defronte da outra, formando uma cova a que chamam o *inferno*. De cima de uma d'estas rochas mandei precipitar um penedo de 8 a 9 arrobas; fez um trovão de echos admiravel. Qualquer das rochas não tem menos altura de 700 a 800 braças, e tão direitas são que parecem cortadas a escópro. No cume de uma ha uma chapada planissima, que poderá conter á vontade vinte ou trinta pessoas. D'alli mergulhei a vista para o chamado *Inferno*, mas recuei logo com medo não me areasse a cabeça e eu

viesses a despenhar-me. Mais para baixo ambas as rochas bojam uma contra a outra até quasi encontrar-se ficando pela parte inferior um portão a que chamam um *covão de ferro* e outros *covão das portas*. Abaixo do córrego ha um valle pequeno cheio de uma planta chamada pelos meus *ciceronis*, azimbrueira; cujo fructo pequeno e redondo é medicinal e tem o gosto de pinha.

D'alli me adiantei ainda um pouco a espalhar os olhos pelos campos chamados de *manteigas*. Eram dez horas e meia. Regressei á piramide, e de lá ao meu amigo pastor, que tinha já leite mugido para me regalar. Elle e outro accenderam uma fogueira e afundando-me a terra com os seus gavões, me obrigaram a tomar um pouco de descanso ao pé do agasalho do seu lume: dormi obra de meia hora. Antes de partir, pareceu-me bem prender ao meu hospedeiro das regiões aéreas com cigarros, que elles muito apreciam: ou isto ou o seu bondoso natural fez com que não passasse, antes de lhe promettermos, que havíamos de jantar com elle. Rendemo-nos. Poz ao lume um taxo com agua, encheu-o de *indias*, ás talhadas, migou para dentro uma bróa, deitou-lhe cebola, sal e meio arratel de toicinho. Logo que deu por feita a cosinhada sacou o taxo para o chão; empurrou-m'o para entre os joelhos, metteu-me na mão a sua colher de pau do ar.

Principiei a comer; convidando os guias egualmente a comerem á roda do taxo ao pé do lume. Eu estava encostado a uma rocha coberta de neve, e assentado em cima do gavão; com tantas commodidades, comecei a querer luxo e a sentir-me delicioso; pedi então ao pastor que tocasse na sua flauta, o que elle fez enquanto comi. Depois reparti com elle do fardel que levava, e que mais cedo não quiz apresentar, por não fazer affronta ás suas *indias*. Dei-lhe o restante que ainda tinha de tabaco de fumo: abraçámo-nos e despedi-me; promettendo-lhe eu tornar ainda a visitá-lo no seu reino deserto. Chamava-se este monarcha de cabras, de quem o dictionario historico não ha-de fallar *José d'Alvouca*. Era uma hora da tarde quando o deixámos, tornando-nos para *Unhas* por outro caminho chamado os *Covões*. Quando davam as cinco da tarde éramos chegados.

No dia 13 pelas septe da manhã, fui ver e examinar o edificio e aguas sulfureas dos banhos de *Unhas*. O edificio é um quadrilongo dividido em dois banhos. E' agua muito acreditada para dores rheumaticas, e molestias de pelle. A que se bebe é como a das *Caldas-da-Rainha*; cheira a ovos pódres.

Deve-se esta edificação á charidade do bispo D. *Jeronimo*, cujas armas ainda se enxérgam por cima da porta principal: tomado abi um pequeno refresco tornei a cavalgar e entrei na villa pelas tres horas da tarde. *Ricardo Fernando Vidal.*

## NOTÍCIAS.

### ESTRANGEIRAS.

2312 A RAINHA de HISPANHA foi declarada maior. Das provincias sublevadas, já caiu uma a Gallisa. — Narvaez em Madrid, indo para o theatro foi por tres vezes alvo de uma conspiração assassina: por tres vezes se lhe deram contra a carruagem descargas de fusilaria, de que resultaram dois ferimentos gra-

ves em officiaes, que iam com elle. Nenhuma balla porém, de mais de vinte que entraram na carruagem, lhe tocou. Os assassinos fugiram correndo e não foram conhecidos.

#### ACTOS OFFICIAES.

2313 DIARIO do governo de 6 do corrente. — Decreto approvando o contracto da sublocação feita pelo empresario das estradas do Minho a tres cessionarios. Escriptura publica a que se refere o mesmo decreto. Portaria sobre a navegação do rio Douro. Ordem de pagamento do mez de agosto aos empregados dependentes da secretaria do reino, do mez de setembro aos dependentes do ministerio da justiça, e do mez de outubro ás classes inactivas. Venda de bens nacionaes.

Idem de 7 dicio. — Decreto approvando os estatutos que os sublocatarios da estrada do Minho fizeram para se regularem entre si. Venda de fóros e pensões.

Idem de 9. — Portaria elogiando varios directores de alfandegas pelo augmento da respectiva receita. Ordem da armada n.º 33. Portaria providenciando sobre concerto de navios velhos. Venda de fóros e pensões.

#### FOMENTO PARA AS BELLAS-ARTES.

2314 Do talento e gosto artistico se S. M. o Sr. D. Fernando alguma coisa dissemos já em o nosso artigo 147. As provas d'esse talento e gosto estavam nas gravuras em cobre, executadas por S. M., de pouca gente conhecidas; e estão aos olhos de todos nas suas obras de architectura no Real Palacio da Peninha. Documentos recentes da mesma verdade, se colligiram tambem da sua viagem pela provincia transtagnana, da qual se espera, entre outros fructos, a restauração do templo de Diana, em Evora, e a do castello dos Templarios em Thomar.

Sabbado, 11 do corrente, a Academia das Bellas-Artes de Lisboa foi insperada e graciosamente visitada tambem por S. M. O principal motivo, que o lá attraia, era contemplar um novo quadro que o distinctissimo lente de pintura, o digno traductor de Rafael, o Sr. Antonio Manuel da Fonseca, traz entre mãos, para ser apresentado na exposição publica d'este anno. Este quadro representa Enéas, fugindo de Troia incendiada com o pae ás costas; o filhinho pela mão; um pouco atraz a mulher, e logo um séquito de familiares e companheiros seus para o desterro.

Vê-se que o pintor, inspirando-se de Virgilio, sentiu e fez sentir, como elle, todo o sublime terror, toda a profunda compaixão d'aquella immensa catastrophe.

A expressão — dizem-nos — dos rostos, das posturas e dos accessorios dos personagens está achada com um tino, um saber e uma felicidade que maravilham. O fundo, o scenario, a noite, a cidade, o incendio revelariam a mão do mestre, se tantas outras provas a não tivessem já feito conhecida.

Este quadro de grande composição e grandes dimensões, pois tem de altura 13 palmos e 8 e meio de largura, deteve em dilatado e prolixo exame os olhos do Augusto Visitador. O artista mestre foi exhortado pelo artista rei, a concluir quanto antes o seu trabalho, como obra que algum dia virá a ser de grande e merecido credito. Todas as bellezas já expressas e concluidas, ou apenas bosquejadas, ou apontadas foram por S. M. sentidas e explicadas, com uma propriedade e exacção, que admiraram aos peritos circumstantes, e com egual franqueza indicados alguns leves incidentes, em que era possível, talvez

util e porventura necessario, modificar, variar ou corrigir.

Esta visita haverá sido pois de proveito, não só de honra, para o Sr. Fonseca.

#### PAGA DE ANTIGA DIVIDA.

2315 SENDO um dever de gratidão nacional perpetuar a memoria dos homens benemeritos, que por qualquer modo hajam illustrado a sua patria: Manda Sua Magestade a Rainha auctorisar a Academia das Bellas-Artes de Lisboa, para que, por occasião da obra a que se está procedendo na Estatua Equestre, faça gravar n'aquelle grandioso monumento, e no lugar que parecer mais conveniente, o nome do seu insigne auctor, Joaquim Machado de Castro; devendo a mesma Academia intender-se, para esse effeito, com o inspector geral interino das obras publicas, ao qual vier ser expedida sobre este objecto a conveniente ordem. Paço das Necessidades, em 10 de Novembro de 1843. — Antonio Bernardo da Costa Cabral.

#### THEATRO DE S. CARLOS.

NABUCHODONOSOR

Drama-lyrico em 4 partes — Poesia de Solera — Musica de Verdi.

2316 A imparcialidade com que sempre escrevemos, nos obriga a dizer que o exito d'esta opera não foi brilhante em S. Carlos. A sua bem adquirida fama nos theatros lyricos d'Italia não pôde sustentar-se no nosso; não porque o publico desconhecesse as grandes bellezas da musica, mas porque talvez a execução não correspondeu dignamente ao grandioso da sua concepção.

A partitura do *Nabuchodonosor* é a primeira, e tem creditos da melhor producção do seu joven auctor. A sua parte melódica tem todo o character religioso e severo que se pôde desejar n'um assumpto como este colhido no Velho-Testamento. — A instrumentação é ampla e magistralmente tractada; e ambas fazem ás vezes lembrar as inspirações do *Moyses* de Rossini e a profundidade dos *Martyres* de Donizetti, outras, os pensamentos de Meyerbeer: a bella *prophécia* no final da 3.ª parte, recorda *Guilherme-Tell*, assim como o coro da 4.ª parte, sem acompanhamento de orchestra, o excellent *misere* de Zingarelli. Os finais da 1.ª e 2.ª parte, não são menos bellos; e os córos, que porventura são a parte mais distincta d'esta partitura produzem o melhor effeito.

Foi esta a primeira opera nova ensaiada pelo Sr. Xavier Migóne, que se desempenhou dignamente do seu difficil encargo, coadjuvado pela habilidade da nossa orchestra, que unicamente com septe ensaios levou á scena uma opera tão difficil, que em nenhum theatro porventura teve menos de vinte, e d'algum sabemos onde elles chegaram a trinta.

Silva Leal.

#### ACADEMIA DE MUSICA.

2317 O grande concerto de segunda-feira (13), em S. Carlos, foi, como era de razão, bem recebido do publico: 230 artistas, entre os quaes estavam os mais distinctos da companhia, desempenharam diversas peças de musica, vocal e instrumental, que foram quasi todas applaudidas, distinguindo-se entre todas a symphonia do *Guilherme Tell*, a cavatina da *Somnam*



bula pela sr.<sup>a</sup> Rossi, a aria do *Roberto Devereux* pelo Sr. Flavio, a aria do *Concert à la Cour* pela Sr.<sup>a</sup> Olivier, e principalmente o duetto do *Barbeiro de Sevilha* pela Sr.<sup>a</sup> Rossi e o Sr. Bettelli, que mereceu as honras do *bis*.  
Silva Leal.

#### FAZER DO SANBENITO GALA.

2318 O AGIOTAR é um direito do cidadão, e além de direito é moda, e além de moda é modo de sair millionario em alguns dias. — Não ha que dizer contra o *agiotar*. — Como entretanto honra e proveito não costumam conciliar-se, o *agiotar*, tão proveitoso para quem o exerce, leva hoje inherente a vergonha de ser esse, por toda a gente confessado, o peor e mais voraz cancro, que róe a patria; porque o oiro, que havia de circular por todo o corpo e aviventá-lo, está apostemado, — j e, em que partes, muitas vezes, grande Deus!

O seguinte documento do que é a *agiotagem*: do verdadeiro horror, que lhe inspira a simples idéa do bem publico, é tão característico, tão novo, que não queremos perdê-lo. A historia ha-de recordá-lo, quando quizer fazer o retrato moral da nossa idade.

« Havendo quem tenha procurado espalhar o boato de que a *companhia união commercial* fôra creada com o designio de prestar seus fundos a empresas de estradas no reino, declara a direcção toda da mesma *companhia*, nos termos mais explicitos (!!!), positiva e formalmente (!!!), que *nunca houve, nem ha* intenção alguma em nenhum dos directores que actualmente se acham encarregados da sua gerencia, de fazerem propostas a tal respeito á *sobredicta companhia união commercial*. (!!!!!)

#### FECUNDIDADE.

2319 SEGUNDA-FEIRA uma casada, chegado o termo regular de sua gravidez, deu á luz tres creanças. Nenhuma d'ellas viveu.

#### A MORTE NA COSINHA.

2320 A QUATRO de novembro — nos escrevem de Faro — que na ultima feira em Silves, seis pessoas foram envenenadas em um jantar. Atribuiu-se a ter sido feita a comida em vaso de cobre, mal estanhado ou não estanhado. Um morreu: outro, filho de Faro, á data da carta, achava-se ainda em perigo, mas não assim os quatro restantes.

#### COMO AS LEIS SE CUMPREM.

2321 QUANDO em Dia-de-Finados dissémos, — que o uso de enterrar nas egrejas tinha acabado em todas as partes d'este reino, — ignoravamos o que depois viemos a descobrir, em sitio bem visinho da capital; e que julgamos do nosso dever denunciar.

No concelho do Sobral de Monte-Agraço ha duas freguezias: a de Sancto Quintino de mais de seiscentos fogos e tres mil almas; e a do Salvador de trezentos fogos e mil e quinhentas almas. Sempre n'essas egrejas se enterrou, segundo o stylo geral, até que vindo a chólera, e, não bastando já para os cadaveres o pavimento sagrado, fizeram dos adros cemiterios. Passou a praga; passou com ella a novidade.

Veio a lei determinando os campos-sanctos. O povo, que não cedera senão á necessidade e temporariamente, resistiu ao que se lhe figurou desacato le-

gislativo á sanctidade dos mortos. Os parochos e autoridades do districto, por fraqueza, ou por amor da paz, ou por intenderem que não havia resistir rasgadamente a preocupações de largos seculos, cederam á torrente da vontade popular. Ambas estas egrejas, por mal arejadas e pela falta de frequencia nos dias não sanctificados, exalam, quando se abrem, um pessimo cheiro de podridão.

Não aconselháramos nós, que se empregasse desabrimento e violencia para pôr ponto n'este tríplice peccado, contra a natureza, contra a religião e contra a lei. Quizéramos porém que se principiasse por estremar nos baldios, que não faltam no municipio, um ou mais sitios, que por sua posição e outras condicções parecessem vir appropriados para o intento; que os vedassem ás invasões dos animaes; que os benzessem; que os ornassem de sua cruz de pedra ou de páu emquanto de uma capelinha se não podesse; que os arvorisassem e ajardinassem convenientemente; que as pessoas mais illustradas e respeitaveis da vizinhança dessem ao vulgo o exemplo de se accomodarem sem pena áquella jazida; e que sobretudo os Srs. Parochos, apesar da desauthorisação em que sua pobreza e dependencia os tem posto, exercessem o que ainda lhes ficou de seu antigo credito e influencia paternal, para prégarem aos rusticos na Egreja e nas conversações a innocencia e bondade do novo uso.

Melhor e mais depressa o conseguiriam, se a imprensa quotidiana os quizesse ajudar: mas essa, coitada, não póde curar d'isso que tem muitas pessoas e muitas vidas particulares para discutir.

Trabalhem pois sós; maior será o seu merecimento, quando saírem com a obra prompta.

#### LABIA MEA APERIES.

2322 LEMOS na *Revolução de Setembro* de 11 do corrente, em uma carta anonyma do Porto, o seguinte notavel trêcho.

« Um novo corrector temos nós: é S. ex.<sup>a</sup> o sr. D. Jeronymo, bispo do Porto, que escandalosamente « dirigiu uma circular a todos os parochos, clero, e « parochianos da sua diocese a pedir, ou antes man- « dar, que subscrevessem para o periodico *Revista Uni- « versal* do Castilho! — Que por suprema influencia « das pessoas que o obrigam a gastar papel, tinta, e « pennas, proprios etc. etc., espera que logo que as « circulares sejam recebidas se lhe remetta immédia- « tamente 2, \$ 400 rs. importancia da assignatura! É até « onde póde chegar a alçada d'um ministro sagrado, « d'um principe da igreja! S. ex.<sup>a</sup> já não precisa pres- « tar serviços a ninguem, porque só a morte é que « lhe dará baixa do posto: e então para que se sujei- « ta S. ex.<sup>a</sup> á critica periodica! Nós lhe aconselha- « mos que cure do seu ministerio, que não é tão pou- « co, se quizer merecer acatamento. A pastoral que « S. ex.<sup>a</sup> dirigiu ás diversas classes de seus diocesa- « nos não está em harmonia com o seu procedimento. « Alheio a partidos, e a paixões, deve estar o santo, « o virtuoso, e beneficente prelado D. Jeronimo José « da Costa Rebello. »

Não carece de apologias nem defensas o Illustre Prelado, — nem o que se acaba de lêr, merece respostas dilatadas.

Sejamos breves.

Ha aqui factos e imputações.

Os factos estão maliciosamente falsificados.

As imputações são pelo menos ignorantes e injustas.

A Redacção da REVISTA UNIVERSAL escreveu a cada um dos Excellentissimos Bispos d'este Reino, pedindo-lhe dois favores, — mais favores para o Publico do que para ella mesma.

I. Que se dignasse S. Ex.<sup>a</sup> de ajudar com as suas luzes, quando e quanto as obrigações do seu sagrado ministerio lh'o consentissem, o unico jornal, que tinha devéras a peito OS INTERESSES MORAES E CHRISTIÃOOS a par com OS INTERESSES MATERIAES, SCIENTIFICOS e ARTISTICOS; (as folhas de 108 semanas, 2640 columnas d'estas, não são leve documento para prova).

II. Que visto serem os Parochos, os que melhor podem, mormente nas freguezias ruraes, transmittir ao Povo, que não lê, as noticias e reflexões proveitosas, offerecidas pela imprensa, S. Ex.<sup>a</sup> — tendo a REVISTA em conta de papel civilizador e christão, — se servisse mandar distribuir pelos Curas-de-almas da sua Diocese os exemplares do programma, que do III volume do mesmo jornal se lhe offereciam.

Todas estas cartas foram enviadas; — e eis-ahi toda a recommendação que se ha feito.

Das Secretarias de Estado ou dos escriptorios particulares dos Srs. Ministros, nem uma lettra saiu para a corroborar.

Era um requerimento justo; auctorisava-se por si: — bastava-lhe e sobrava portanto o obscuro nome do redactor, que o assignava.

Alguns dos Srs. Bispos, que já tiveram a bondade de responder, fizeram como bons cidadãos e bons prelados. Aproveitaram o eusejo, que se lhes offerecia, para contribuirem com mais um pouco de fomento para a felicidade temporal e espirital do seu rebanho.

D'este numero foi o Excellentissimo e Reverendissimo Sr. D. JERONIMO JOSÉ DA COSTA REBELLO, ornamento preclarissimo da Igreja Lusitana: — o qual, mandando entregar os programmas aos Parochos, não desdenhou, por um insensato orgulho, recommendar-lhes, como de algum valor e utilidade, a obra de que se tractava. — Conselho zeloso e louvavel que o anónimo correspondente da *Revolução* traduziu em mandamento, preceito e ordem escandalosa.

¿ Mas por que razão não teria um Bispo um direito, que todo o homem tem, o de recommendar por bom o que acha bom?

Um ministro do reino recommendou officialmente o *Panorama*, ha já annos; não estava certamente no regimento dos ministros do reino o recommendar *Panoramas*, — entretanto fez bem e muito bem: porque o papel o merecia, e lei nenhuma lh'o vedava. ; Feliz o reino, onde todos os empregados civis e ecclesiasticos, não pagos de se desempenharem de todos os seus deveres positivos, obedecessem tambem em tudo á natural e universal obrigação de não perder aso, em ponto algum, de beneficiar. Todo aquelle que pretére voluntariamente o bem a que podia chegar, é réu, perante sua consciencia pelo menos, de quantos males d'ahi hajam de provir — da perda de quantos bens d'ahi se poderiam originar.

¿ É a primeira vez hoje que ao zelo desinteressado se chama tirannia, e se emprega a imprensa para

suppliciar a um respeitavel fautor da boa imprensa que allumia, ensina, moralisa e pacifica!

Estamos persuadidos de que os Redactores da *Revolução* não leram a carta, com que algum seu inimigo pertendeu enxovalhar a sua folha, e atiral-a como cadella damnada contra a nossa, que nunca jamais, nem por sombras, a provocou.

Se a todos os empregados, a todos os cidadãos, até obscurissimos, incumbe por boa philosophia não perder lanço de bemfazer, — ¿ quanto mais apertadamente não correrá aos prelados essa obrigação de charidade? O que nos mais é louvavel, nem quasi chega n'elles a essa qualificação, porque é desempenho forçado de encargo religioso e expressissimo.

O *nemo militans Deo implicat se negotiis secularibus* não véda aos bispos, senão os máus enredos domesticos ou politicos: porque seria absurdo presumir, que houvesse Christo atado as mãos a seus Apostolos para toda a louvavel obra temporal, — Elle, que ao mesmo tempo que prégava a doutrina do céu, ia curando na terra os enfermos, accudindo aos necessitados, ressuscitando os mortos e abençoando o trabalho. Christo, modelo dos Apostolos que são os modelos dos Bispos, prégava com o seu exemplo todas as obras de misericordia, ; e aos Bispos ha-de ser defeso contribuir, com a simples recommendação de um papel instructivo, para o ensino dos ignorantes?! Se é zelo o que tal repreende: — zelo é de phariseus, que, não tendo mais que lançar em rosto ao Salvador, já o accusavam de fazer milagres ao sabbado, por ser dia de descanso. — ; Mal haja, — mal haja, quem transforma a imprensa de alampada em archote incendiario, e a arvore da sciencia em clava de exterminação!

A mais e muito mais chegam os direitos e obrigações dos Bispos; e não o explicamos porque ninguem, a não ser talvez o anonymo da carta, ninguem, nem ainda o serraninho mais rude e boçal, caréce de tal explicação. — Elle, o anonymo, que lêa se pôde, o canon 17 do sexto concilio d'*Arles* em 813.

Ha vergonha realmente em gastar palavras e citar exemplos para evidenciar evidencias; mas não nos podemos despedir sem recordar que desde o pontificado até aos ultimos bispados, até ás ultimas parochias da Christandade, — desde os primeiros seculos da Igreja até aos nossos dias, — todos os Pastores espirituales, que mais dignos foram do seu officio, e mais alta e merecida fama grangearam, tiveram sempre a peito a felicitação tambem terrestre do seu rebanho. Transcreveriamos grande parte da historia ecclesiastica se os houvessemos de referir. Aqui mesmo em Portugal os sabemos, cujo só nome, geralmente respeitado, atterraria aquelle homem sem nome, e o houvéra feito emmudecer, se alguem antes que elle chafurdasse a penna no seu tinteiro e o seu espirito na malignidade lh'o houvesse dicto.

Reduzimo-nos a um só; — e seja esse dos já finados, por não offender a christã modestia dos que vivem; — seja D. FRANCISCO GOMES DO AVELLAR, de quem já demos noticia no artigo 1077, d'onde agora trasladaremos fielmente um pequeno excerpto, e é o que segue: —

« Ao mesmo passo que todas as coisas da igreja trazia desveladas e a ponto, o clero allumiado, honesto e sollicito, o povo edificado e com bons costu-

«mes, abria estradas e fontes, encaminhava e aperfeiçoava rios, impunha-lhes pontes, expurgava de cadáveres os templos, aparelhando cemiterios e amansando para aquillo as repugnancias de um costume inveterado, alargava e afformoseava praças, erigia e sustentava escholhas para as disciplinas sagradas e profanas, alimentava as viúvas e orphãos, promovia com dotes os casamentos e bons costumes, com recolhimentos a boa creação, com exhortações, com o ensino e com despezas a dilatação e aperfeiçoamento da agricultura; n'isto se parecia o seu báculo com o de Arão, que no deserto encaminhava para a terra de Chanaan, no Egypto tragava e consumia serpentes, e de mais, aonde fosse mister, se coparia de folhas e carregaria de fructos.

«Deixamos aos escriptores da historia ecclesiastica o laborioso encargo de tecer a sua múltiplice corôa: — n'este logar estremaremos do pastor, do civilizador, do architecto, do engenheiro, do militar e do politico unicamente o lavrador — de tantos homens, que era D. Francisco, o amigo dos homens do campo. — Das culturas de que hoje se gosa o Algarve, varias e não poucas foram por elle introduzidas, mettendo para a obra quantos instrumentos achou á mão. «A batata, que é o pão que a natureza mais faz abundar nos annos que mais escacçam de trigo, derramou-a elle, mandando pelos parochos aos lavradores, com uma circular admiravelmente persuasiva, as sementes e instrucções necessarias para o seu tracto. Para o bom preparo dos figos, que são a principal substancia da provincia, escreveu uma pastoral; — para o enxerto da oliveira em zambugeiro, não se contentou de imprimir excellentes instrucções, e mandal-as espalhar por todas as cazas rusticas, senão que sollicitou e alcançou do governo, que os rusticissimos donos d'ellas fossem obrigados a receber o beneficio e enriquecer-se contra vontade.»

Se houvesse no seu tempo um jornal com o infatigavel e nem sempre infructifero empenho d'este nosso; — um jornal, que olhasse pela agricultura, — pela industria, — pelas estradas, — pelo commercio, — pela saude, — pelas sciencias, — pelas artes, — pelas boas lettras, — pelos costumes, — e pela religião, — quem duvida de que D. FRANCISCO GOMES DO AVELLAR teria sido n'elle collaborador, como quasi todos os nossos SABIOS de hoje, e em pastoraes sobre pastoraes o recommendaria a todos os seus egerigos e diocesânos!.....

Pedimos perdão a nossos leitores de tanta escripta sobre tão escusado assumpto. Fomos a ella forçados. ¿Perdoar-nol-a-ha tambem o anonymo? Tememos que não: o offensor não perdôa nunca; e a sua vingança vae sempre pelas medidas da sua semrazão. Já contamos com isso. Pouco se nos dá — por nós. Pelo bom nome do Excellentissimo Bispo do Porto — ainda menos, — que nunca o estremecerão a elle assaltos d'estes. — Dá-se-nos porém, e dá-se-nos muito, pelo credito da imprensa, que não foi inventada para cáthedra de insipiencia e peloirinho de innocentes e de honrados!.....

#### MENDIGOS.

2323. CONTAM as folhas do Porto, que em dia-definados appareceram todas as ruas da cidade guarne-

cidas por uma e outra parte de mendigos, entre os quaes havia muitos com pernas, braços e outras partes do corpo cobertas de chagas e feridas; e na rua de Sancto Antonio, que é das principaes da terra, era este painel mais carregado e terrivel que em nenhuma outra.

Não fazemos côro aos illustres escriptores, que se levantam para condemnar absolutamente aquelle, em tal dia, já antigo uso. Bem sabemos que um bando de mascarados leva mais divertidamente os olhos de quem passa, que os andrajos fétidos, o rosto descarnado e macilento, e as cãs sem honra do velho, que pede pão: — bem sentimos que a phantasia ao som d'aquelles pregões da miseria, não se arma de purpuras e flôres para hospedar delicias, como á face de uma soberba scena de ópera, e por entre renques esplendidas de damas, arraiadas de joias e formosura; — formosura como as joias muitas vezes artificial e enganadora.

¿Mas o dia, que d'entre tantos centos de dias mundanos foi estremado para religioso; d'entre tantos centos de dias alegres foi escolhido para tristissimo, para meditativo, para desenganador e moralizador, para que é pertenderem esbulhal-o do que mais suavemente lhe pertence! ¿Não é a festa dos mortos o maior banquete da beneficencia! ¿Com que direito se ha-de excluir d'elle o pobre! — «as tuas chagas, as tuas dôres, a tua nudez, isso que tu, homem como eu, padeces continuamente, — vae-te para longe — que o não posso eu soffrer um só minuto; — não me venhas lembrar pela tua presença, que tambem eu posso cair para onde tu jazes; — que a natureza e a fortuna me pôdem perseguir com egual ou maior rigor; — que eu poderei estender a mão, e recolher o escarneo: — vae-te apodrecer e morrer, blasfemando se quizeres, no esconderijo do sótam, do subterraneo ou da cavalhariça onde te consentem: — o mundo do sol e do ar pertence-me; o fio dos meus prazeres não o quero quebrado pelo teu passar, nem distingido pelo reflexo das tuas faces!»

¿É isto?

Não ha duvida que isto é.

Mas não se repara que se arranca da companhia da fé e da esperanza a sua irmã inseparavel a unica das tres virtudes maximas, que não tem de morrer como a esperanza e a fé no ultimo dia do mundo, porque o amor é o unico dos bens da terra, que não fenéce.

Dizia o imperador Juliano, Apóstata, o qual porém não renegára da philosophia, que — as tres coisas, que mais fizeram para se o Christianismo estabelecer, foram — a charidade no esmolar aos pobres — outra vez a charidade no tractar os defunctos — e a pureza dos costumes.

¿Que philosophia é logo a que permittindo que visitemos com presentes d'alma aos necessitados do sepulchro, estranha que nos lembremos dos indigentes, que ainda vivem, e os procura affastar, não tanto porque se poupem alguns ceitís, como porque não venham pensamentos nimio sérios e moraes aguar-nos alegrias talvez criminosas, pelo menos impuras?

Coisa sagrada é o infeliz — dizia um poeta pagão. — Os gregos reservavam uma parte da victima sacrificada para os pobres. Mas o dever estrieto de soccorrel-os e amal-os veio ao mundo com a lei de Christo, que preferiu nascer pobre, viver pobre, e compôr de po-

bres o seu apostolado, que evangelizou a pobreza como bemaventurança, que ordenou semear na terra para colher no céu, e declarou expressamente qual seria a fórmula do julgamento — « Vinde comigo, porque tive fome, e destes-me de comer: tive sede e destes-me de beber: estava nu e vestistes-me; e vós outros í-vós, porque vendo-me faminto, sedento e despido, não me alimentastes; não me dessedentastes; — não me cobristes! »

O pobre portanto não é só um homem, não é só uma coisa sagrada; é Christo mesmo. — Tudo o que lhe fazeis, disse elle, « a mim o fazeis. » — É pois a Christo que desejam repulsar do meio da cidade christã e em dia christianíssimo. É ser peor que o máu rico do Evangelho, que só expulsou a Lazaro.

E não queremos ainda aqui hoje advogar a causa dos pobres por parte dos mesmos pobres, senão unicamente pela conveniencia dos que o não são. Não ponderamos o seu jus natural a um quinhão nos bens da terra, — o descaimento do seu espirito sob o infortunio, que os esmaga, entre montes de felicidades alheias — a inveja, os vicios e a depravação que a nossa injustiça lhes semêa talvez nos corações, — a consternação de ver filhinhos finar-se á míngua, a mulher a morrer a morte d'elles, as enfermidades a crescerem com as privações, e em todo o horisonte nem uma estrellinha de esperança.

Consideremos só o ineffavel da alegria que deve experimentar o abastado, quando, recolhendo-se ao seu leito, o seu coração lhe disser lá dentro: — « Hoje, sim, que é adormecer sorrindo, e sonhar muitas felicidades, porque andam bençãos em derredor do nosso tecto, esvoaçando e pipilando como andorinhas que chamam primavéra; abraça-me que assim te amo eu como te ora está amando aquelle meu irmão, o coração do pobre, a quem soccorreste: abraça-me que fui eu quem te leveia elle: quando todos os dias tu malbaratas uma parte da tua prata, do teu oiro, e tambem de nossa existencia em mercar o que tu appellidas prazeres, choro eu em silencio e quero mal á fortuna que em melhor peito me não guardou; choro e aconselho-te como sei; — então me dizes que me cale, e ás delicias, que te embalem e te adormentem: — eu quero obedecer-te e não posso; tu dormes e eu vélo, agito-me, peso-te e accordo-te, e um ao outro nos queremos muito mal: — hoje, não: as lagrimas, que enxugaste nos olhos d'aquelles meninos, estão-me coroando como aljófares; o sorriso, que desabrochaste na bocca d'aquella mãe, está florindo dentro em mim; e o allivio d'aquelle enfermo curou-me de todas as minhas dôres: dorme, dorme em paz, que eu te velarei; sou eu hoje o teu anjo da guarda. — Ainda uma palavra antes de cerrares os olhos: ¿sabes tu o que eu estou adivinhando? é o caso d'aquella viuva de Sarépta, que deu para matar a fome a Elias o poucoxinho de farinha e a ultima gotta de azeite que havia em caza, com que lhe amassou um bôlo e o regalou: e d'ahi em diante nunca na almotolia lhe faltou o azeite, nunca se lhe acabou a farinha na sua arca: — é porque a esmola enriquece a quem n'a dá: — ; andar, andar, que aos nossos filhos e a nossa mulher nunca lhes hade faltar coisa nenhuma, emquanto as orações dos felicitados pela tua mão estiverem subindo, como n'esta hora, bem sabes para onde! »

Sim, a charidade, que se exercita, é ao mesmo

tempo um contentamento, uma esperança, e um sópro celeste que nos desvia suavemente de muitos escolhos e nos avizinha cada vez mais a todas as virtudes.

Não ignoramos que a chamada civilização moderna tem ordenado, que se monde, quanto possivel fôr, a sociedade de tudo quanto por qualquer via desapraz aos sentidos corporaes; que não podendo lançar ao mar os pobres que pesam sobre a terra, inventou asylos para alguma parte d'elles, como deu aos seus cadaveres umas vallas por enterradoiro. Humana a seu modo, substituiu á charidade modesta uma coisa ostentosa a que chamou philantropia que arremêda a charidade como o bugio arremêda ao homem; como a flôr de seda sem perfume vista de longe imita a rosa. Mandou que se esmollasse por listas impressas, ou bailando e jogando, ou concorrendo á representação de um qualquer drama, mas sem vêr, nem por sombras, o pobre, cujo aspecto contristaria. — ; Oh! a civilização! a civilização! — ; Mas não vedes vós, philosophos blasonadores da civilização, que isso de que fazeis despêjo são entes humanos! ; que estaes encarcerando a quem não fez crime! ; que os vossos chamados asylos são verdadeiras rodas de engeitados para adultos! ; Não vedes, que expulsando-os do seu gremio as cidades se assimelham a essas mãos densaturadas, que entregam os fructos de seus amores a mãos mercenarias e desamoraveis, só para que o suave cuidado de os pensar e nutrir não as distraia do enlévo do tocador, de estudar os prazeres no romance novo, e de realisal-os, nos bailes, nos passeios, nas assembléas! ; E se ainda ao menos fosse aquillo?! ; Mas onde estão ahí na cidade os asylos para todos os pobres?! ; e se essa desgraçada ventura não chega para todos, se muitos, se a maior parte, são condemnados a mendigar ou a morrer, como se levánta uma voz irada a clamar, — não mendigueis, desaparecei das portas da caza da oração, cujos visitantes poderiam soccorrer-vos: não ouseis mostrar-vos nas ruas, nem sequer no dia, em que os pensamentos não são da terra nem da vida!

Os escriptores, que esse pregão lançaram, commeteram certamente um grande peccado contra o espirito do Christianismo; outro contra a humanidade: outro contra a philosophia.

Os dois primeiros temos já por superfluo demonstral-os; o ultimo pouca reflexão basta para o descobrir.

Vede quantos livros se escrevem para a educação moral assim da puericia, como da adolescencia, como da virilidade, como da velhice. ¿Que vedes quasi sempre em todos elles? Estimulos ao mutuo amor, incentivos á beneficencia — ¿Que nos diz a novella que a mãe honesta se compraz de reler á sua filha? — ¿que nos descobre o drama, onde o pae folga que os seus filhos vão com elle? — Quasi sempre o infortunio; para nos ensinar já a evital-o para nós e para os outros emquanto é tempo, ou a remedial-o depois de nascido, ou, depois de irremediavel, a carpil-o.

Já pois a civilização admite tristezas e consente lagrimas.

Consente-as sobre uma pagina impressa: — consente-as sobre o peitoril de um camarote: — consente-as sobre chiméras improvisadas (e com razão as consente porque essas lagrimas são boas); e prohibe-as sobre infortunios verdadeiros de irmãos nossos!